

É BOM PORQUE É POPULAR!

Thaiana Dias¹

“É que não existe ensinar sem aprender e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende”.
(FREIRE, 1993, p. 27)

“Daí que dizer a palavra verdadeira seja transformar o mundo”.
(FREIRE, 2011, p. 107)

Ao querido e eterno Educador Brasileiro,

Estimado Paulo Freire, me chamo Thaiana Dias, nasci no sul de Minas Gerais, em uma cidade bem pequenininha chamada Itanhandu, e gostaria de te dizer que já faz um tempo que venho aprendendo muito com você! Mesmo tendo me formado como professora, narrarei aqui mais o meu caminho como estudante. Talvez minha narrativa vá mais ao encontro com essa educadora-educanda que sempre serei vista que como você mesmo nos indica através de suas obras, aquele que ensina também está sempre aprendendo e vice-versa. A leitura de sua primeira carta - “Aprender: Leitura do mundo - Leitura da palavra”, do livro “Professora sim, tia não - Cartas para quem ousa ensinar”² despertou em mim reflexões, emoções e memórias diversas que compartilharei aqui com você.

Começarei, então, narrando algo que me incomodava muito quando eu era adolescente e que, até então, me marcou muito: o fato de que no ambiente escolar, eu nunca era considerada uma menina bonita. Isso fez com que eu passasse a rejeitar várias das minhas características físicas, como por exemplo, minha altura, visto que eu era considerada muito alta, se comparada com as demais meninas da minha sala e, principalmente, meu cabelo! Meu cabelo cacheado era considerado motivo de piadas e comentários por parte de alguns colegas de sala. Na verdade, questões relacionadas ao meu cabelo era o que mais me aborrecia!

Decidi, então, ao longo do tempo, começar a encontrar formas para escondê-lo. Em casa, meu pai fazia piadas quando eu alisava, o que também não era uma opção para mim. Decidi, dessa forma, sempre usar uma “pituca” no meu cabelo – o que em outros lugares do Brasil é chamado de “coque” – ou, se eu o deixava solto, eu o mantinha sempre molhado. Isso tanto na escola quanto em outros lugares que eu viesse a frequentar. Molhar meu cabelo e passar muito creme era uma opção que eu encontrei de não o deixar “armado”. Isso porque piadinhas do tipo “Ei, Thaiana! Seu cabelo é igual ladrão, se não está preso, está armado”, eram ouvidas constantemente por mim. Claro que também tenho boas memórias da época do Ensino Fundamental e Médio: os amigos que fiz, coisas que aprendi, as boas risadas e os momentos felizes também ficarão para sempre em minha memória.

¹ Mestranda em Linguística Aplicada pelo Departamento de Letras da Universidade Federal de Viçosa (DLA/UFV). Atualmente, também está atuando como professora substituta de Espanhol no Colégio de Aplicação CAp-COLUNI/UFV. E-mail: thaiiana.dias@ufv.br.

² FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 43. ed. Olho d'Água, 1993.

Porém, me faltava muita autoestima nessa minha época de adolescência. Além de me sentir feia por fora, com relação às minhas características físicas, me sentia também, muitas vezes, incapaz. Por mais que eu tivesse boas notas nas matérias, sempre me comparava muito com os estudantes das escolas privadas da cidade e eu via que esse era um sentimento de muitas outras pessoas que estudavam comigo. Eu pensava, enquanto estudante de escola pública, que uma universidade federal era muito distante de mim, que eu não seria capaz de acessar algo assim porque afinal eu era “só” uma estudante de escola pública e quem passaria nas melhores universidades do país eram os filhos daqueles que tinham dinheiro para pagar um ensino médio em uma escola particular “de qualidade”. Essas eram minhas crenças até então.

Por incentivo da minha família, depois do ensino médio, decidi que queria fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e passar em uma universidade, mesmo ainda não tendo muita autoconfiança. Como na minha cidade não tinha um cursinho pré-vestibular, meu pai me matriculou em um que se localizava em uma das cidades mais próximas da minha. Porém, como o curso diário era inviável, pela distância que eu teria que percorrer todos os dias e pelo valor a pagar, que seria muito alto, fui matriculada no cursinho todos os sábados, onde fazíamos uma revisão dos conteúdos que foram estudados durante toda a semana, para quem podia participar de segunda a sexta feira. Todo final de semana, então, eu saía bem cedinho de casa para chegar na “cidade vizinha” que ficava mais ou menos a uma hora da minha. Deste modo, eu ficava a tarde toda estudando e regressava no final da tarde, chegando à noite em casa. Assim passei mais ou menos um ano os meus sábados.

Porém, muitas vezes eu me sentia completamente perdida naquele lugar! Tudo parecia tão difícil para mim e eu continuava me sentindo “burra” mesmo. Eu acredito que a maioria dos meus colegas que estavam estudando ali vinha de escolas particulares, visto que eram pessoas bem-sucedidas e queriam cursar medicina ou outros cursos que são muito concorridos nas federais, devido à grande valorização no futuro mercado de trabalho que todos almejavam. Inclusive, quando eu dizia que queria ser professora, todos me olhavam com espanto e me perguntavam: “Então porque você está aqui?” Como se, para ser professor, não fosse necessário estudar para conseguir uma vaga na universidade.

Aos sábados era realmente como se fosse uma revisão para a grande maioria dos que ali estavam, porém, eu só tinha acesso às aulas exatamente desse dia. Eu pagava muito mais barato, contudo, não conseguia acompanhar a grande maioria dos meus colegas de turma. Eram muitos conteúdos em um único dia e eu me sentia cada vez mais perdida! Eu chegava a ficar até mesmo espantada quando os professores faziam perguntas difíceis sobre as matérias estudadas e alguns dos meus colegas respondiam prontamente, com respostas na ponta da língua.

Minha irmã, que residia em Viçosa, percebendo minha situação, me convidou para morar com ela e me disse que nessa cidade, tinha um tal de um “Cursinho Popular” e que eu poderia me matricular lá e tentar uma vaga, já que bastava preencher um questionário socioeconômico e enviar algumas documentações comprobatórias para estudar lá. Ela até chegou a me explicar que esse cursinho seguia bastante as ideias de Paulo Freire. Porém, no momento essa nem foi uma informação muito relevante para mim, porque eu realmente não havia ouvido falar sobre você anteriormente. Decidi, então, ir para Viçosa e estudar no tal Cursinho Popular, que eu nem sabia muito bem como funcionava. E foi precisamente quando te conheci! E, acredite: foi um dos melhores anos da minha vida!

No Cursinho Popular (Diretório Central dos Estudantes - DCE/UFV) não aprendi somente os conteúdos que cairiam no ENEM, comecei também a ter mais consciência de mim, da minha realidade, de onde eu vinha, minha posição no mundo. Comecei a entender, inclusive, porque algumas de minhas características físicas eram tão rejeitadas na minha adolescência e porque achávamos que os alunos das escolas particulares eram mais inteligentes, capazes de passar nas melhores universidades do Brasil enquanto, nós, estudantes de escolas públicas, não. Comecei a ter mais consciência de todas essas questões que comecei narrando no princípio dessa carta! É o que você diz na sua carta também que, “enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é um *quefazer* crítico, criador, recriador [...]” (FREIRE, 1993, p. 29)

Nesse lugar me senti extremamente à vontade e bem recebida: me senti em casa! Depois de muitas aulas, conversas e debates com os professores e colegas de lá, eu cheguei à conclusão de que a princípio, todos os estudantes que ali estavam, vieram de escolas públicas, muitas vezes sucateadas justamente para que as desigualdades sociais se perpetuassem e que precisamente pelo fato de elas serem públicas que deveriam ser de qualidade, visto que a educação é um direito de todos. Isso me lembra até mesmo uma reflexão que um educador do Cursinho Popular trouxe logo no primeiro dia de aula, que vou relatar brevemente a seguir:

Estávamos todos sentados em uma roda no anfiteatro do Colégio de Aplicação CAP-COLUNI/UFV, onde as aulas aconteciam no período noturno, nos apresentando e falando um pouco sobre nós mesmos. Uma de nossas colegas se apresentou, e já no final de sua apresentação, ela disse assim: “Enfim, estou aqui nesse cursinho popular porque não tenho dinheiro para pagar um cursinho particular da cidade!”. Depois de ouvir tudo o que ela falou, nosso professor disse mais ou menos o seguinte: “E que bom que você está aqui! Que bom que você tem a oportunidade de estar aqui! Às vezes pensamos que o cursinho popular não é bom, e que aqueles que temos que pagar por eles são melhores. Porém, e se pensarmos diferente? e se pensarmos que “É BOM PORQUE É POPULAR!? É BOM PORQUE É DE TODOS!?”. Já nesse dia saí com essa reflexão. Nunca mais esqueci o que ele disse: “É bom porque é popular!”.

Nesse dia, também, ele aproveitou para nos falar da educação bancária e que a perspectiva educacional daquele cursinho era diferente. Ele disse que além de estudar pensando em passar na universidade, iríamos debater questões diversas que seriam importantes para nossa formação enquanto cidadãos. Falou sobre autonomia e sobre a importância de sermos curiosos e buscarmos sempre nossos conhecimentos, buscar aprender. É o que você diz também no seu livro “Pedagogia da Autonomia³”, certo, Freire? Quando você diz que “ensinar exige criticidade” (FREIRE, 2011, p. 32) e escreve que:

A curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta, faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo

³FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. 1 ed. Paz e Terra, 2011.

que não fizemos, acrescentando algo a ele algo que fazemos (FREIRE, 2011, p. 33).

Buscar e ser curioso, Paulo Freire! Aquilo que você chama de “Ser Mais!”, quando você diz na “Pedagogia do Oprimido”⁴ que “os oprimidos, nos vários momentos de sua libertação, precisam reconhecer-se como homens, na sua vocação ontológica e histórica de Ser Mais” (FREIRE, 2011, p. 72). Ele não utilizou esse termo. Porém, sem saber a expressão que você utiliza, eu entendi exatamente isso naquele momento: que eu também era responsável pela minha aprendizagem e que eu deveria buscar “Ser Mais”!

Ao longo de todo o ano que estudei no cursinho, éramos incentivados a ter autonomia! Ao longo do tempo fui entendendo também porque eu me sentia tão perdida naquele cursinho particular que eu fazia aos sábados! Entendi como tentavam depositar conteúdos diversos em nós em um único dia, com a única intenção de fazermos decorar muitos temas que cairiam no vestibular, mas que muitas vezes eram “passados” de forma totalmente desconectada da nossa realidade. Por isso você diz na sua carta que:

Estudar é desocultar, é ganhar a *compreensão* mais exata do objeto, é perceber suas relações com outros objetos. Implica que o estudioso, sujeito do estudo, se arrisque, se aventure, sem o que não cria nem recria. Por isso também é que *ensinar* não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento da ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal [...]”. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto (FREIRE, 1993, p. 33).

No cursinho popular, comecei a estudar muito, a “ler as palavras”, a “ler o mundo” e também a ler o mundo através das palavras. É exatamente o que você diz na carta, que “[...] o ato de estudar implica o de ler, mesmo que neste não se esgote. De ler o mundo, de ler a palavra do mundo anteriormente feita” (FREIRE, 1993, p. 29). Tudo com bastante criticidade, isso porque, às vezes, “imersos na realidade de [...] [nosso] pequeno mundo, não [...] [somos] capazes de vê-la” (FREIRE, 1993, p. 33 - *grifos da autora*).

E realmente, ao longo desse um ano que fiquei estudando nesse cursinho, aprendi muito! Refleti sobre temas e questões que até então eu não havia pensado com tanta profundidade. Entendi que eu me sentia bem naquele lugar porque todos os meus colegas ali estavam na mesma situação que eu. Trazíamos sim, falhas no nosso aprendizado proporcionado pelo sistema e que apesar de sermos de lugares diferentes, tínhamos uma trajetória escolar bem parecida. Eu sentia que isso nos uniu e nos fez criar forças para estudar cada vez mais! Estudávamos juntos, víamos documentários, nos esforçávamos e debatíamos sobre temas diversos. Como aprendi naquele ano de 2014! Eu sentia que estava abrindo meus olhos para o mundo e que via tudo com mais clareza!

Comecei a ter questionamentos diversos que até então eu não refletia muito sobre: questões relacionadas à classe, à violência de gênero, ao racismo estrutural e às desigualdades

⁴ FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

sociais no Brasil, por exemplo. Tudo isso enquanto estudávamos para o ENEM, perpassando todas as outras matérias: Português, Matemática, Biologia, Física, Química, Filosofia, enfim... Todas as matérias eram estudadas ali.

Por isso eu não me canso de dizer: como eu aprendi naquele ano! Como eu cresci! E são aprendizados que seguramente eu levarei para a vida. Jamais esquecerei! E tudo graças a você, Paulo Freire! Tudo que acontecia ali foram os seus pensamentos, suas ideias, seus livros que se multiplicaram em conhecimentos diversos e que movimentavam a atuação daqueles Educadores que se empenharam tanto em nossa Educação. Educadores Multiplicadores que se reconheciam também como seres em constante aprendizagem, que tinham a humildade de dirigir-se a nós, educandos, como iguais! Dialogávamos entre iguais porque tenho certeza que eles entendiam que “não há [...] diálogo se não há humildade. A pronúncia do mundo, com que os homens o recriam permanentemente, não pode ser um ato arrogante” (FREIRE, 2011, p. 111).

Falando dos Educadores que eu tive no cursinho popular, não posso deixar de mencioná-los um pouco mais e agradecê-los imensamente. Afinal, eu os via, todos eles, como jovens comprometidos e engajados a refletir e a fazer a leitura do mundo e das palavras com os educandos. Com isso, o intuito de levar outros jovens oprimidos pelas desigualdades sociais à reflexão e percepção crítica do mundo que habitamos e, quem sabe – se isso fosse o que estes educandos realmente desejassem depois do término do cursinho –, a ingressar na universidade e seguir um rumo diferente daquele que o fatalismo ou o conformismo lhes impunha.

Enfim, e foi essa a minha trajetória com a educação popular ... E claro! No final do ano fiz o ENEM e passei no curso de Letras! Como eu fiquei feliz! Foi um momento de grande felicidade em minha vida! Eu, que me achava incapaz, estava ali, sendo aprovada no curso de Letras pela Universidade Federal de Viçosa. E você sabe a grande contribuição que tem nisso, não é? Afinal, eu sou fruto da tal Educação Popular que eu nem sabia o que era! Me formei na graduação em julho de 2019 e agora também atuo como professora de espanhol. Sempre tento levar em consideração todo o aprendizado que tive com você em minhas práticas! Recentemente, fui aprovada no Mestrado em Linguística Aplicada, também pelo Departamento de Letras da UFV e aqui me encontro novamente com você, realizando a disciplina *EDU 699 - Educação e Razões Oprimidas*.

Desejosa de novos encontros com suas leituras, me despeço cordialmente,